

**Dossiê: A antropologia da saúde na pandemia da Covid-19: reflexões teóricas,  
metodológicas e éticas**

**IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NA  
ANTROPOLOGIA: COMPARTILHANDO REDES,  
PESQUISAS E CONHECIMENTO**

**Entrevista com Rede Antropo-Covid e  
Rede Covid-19 Humanidades**

**Fernanda Gabriele Moura**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
[fernandag\\_moura@outlook.com](mailto:fernandag_moura@outlook.com) – <https://orcid.org/0000-0001-6437-2928>

**Ana Paula Marcelino da Silva**

Universidade Federal da Paraíba  
[marcelinopaula5@gmail.com](mailto:marcelinopaula5@gmail.com) – <https://orcid.org/0000-0003-3564-3797>

**Mónica Franch**

Universidade Federal da Paraíba  
[monicafranchg@gmail.com](mailto:monicafranchg@gmail.com) – <https://orcid.org/0000-0003-3845-3841>

**Rozeli Maria Porto**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
[rozeliporto@gmail.com](mailto:rozeliporto@gmail.com) – <https://orcid.org/0000-0001-5318-1931>

**Sônia Weidner Maluf**

Universidade Federal da Paraíba  
[soniawmaluf@gmail.com](mailto:soniawmaluf@gmail.com) – <https://orcid.org/0000-0002-9222-4348>

## Apresentação

O que as ciências sociais têm a dizer sobre a pandemia? Como produzir conhecimento em meio a uma crise sanitária, econômica e política que atingiu fortemente as universidades? É possível redesenhar o método etnográfico para se adequar à situação pandêmica? Conjugando essas e outras questões, duas redes de pesquisa produziram uma leitura acurada sobre os anos iniciais da pandemia da Covid-19, ao mesmo tempo em que sustentavam a formação universitária, em seus diversos níveis, que também sofreu as consequências do profundo descrédito das ciências e da falta de incentivos e investimentos nas universidades públicas que caracterizaram o Governo de Jair Bolsonaro no Brasil. A Rede Antropo-Covid, sediada na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no nordeste brasileiro, reuniu antropólogas/os e sociólogas/os de diversas regiões do país com o intuito de mapear as ações não farmacológicas de controle e gestão da crise sanitária. Já a Rede Covid-19 Humanidades, sediada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e coordenada pelo professor Jean Segata, propõe pesquisas e discussões acerca do impacto da doença no cotidiano da população brasileira.

Esta entrevista é resultado do encontro dessas redes, assim como o dossiê da qual faz parte<sup>1</sup>. De um lado, as professoras Dra. Sonia Weidner Maluf da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)<sup>2</sup>, coordenadora da Rede Antropo-Covid, e a Dra. Mônica Franch (UFPB)<sup>3</sup>, coordenadora adjunta da Rede, explicam os motivos pelos quais a rede foi formada e quais foram os desdobramentos das pesquisas realizadas ao longo dos quase três anos de existência. De outro, a professora Dra. Rozeli Porto<sup>4</sup>, da Universidade Federal

<sup>1</sup> A entrevista foi realizada no aplicativo *Google Meet* em junho de 2023 por Fernanda Moura, mestra em antropologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e integrante da Rede Covid-19 Humanidades, e Ana Paula Marcelino da Silva, doutoranda em antropologia (UFPB) e pesquisadora participante da Rede Antropo-Covid.

<sup>2</sup> Doutora em Antropologia Social e Etnologia pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales*. Professora Titular aposentada na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da UFSC. Foi Professora Titular Visitante na UFPB. É pesquisadora 1B do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Coordenadora Executiva do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) Brasil Plural e do Núcleo de Antropologia do Contemporâneo (Transec/UFSC).

<sup>3</sup> É professora associada do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba e membro permanente dos programas de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) e em Sociologia (PPGS) da mesma universidade. Fundadora e líder do Grupo de Pesquisas em Saúde, Sociedade e Cultura (Grupessc).

<sup>4</sup> Professora do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (DAN/PPGAS/UFRN). Pós-doutorado em Antropologia (*Universidad de Sevilla/Espanha*). Coordenadora da Revista Equatorial. Vice-coordenadora

do Rio Grande do Norte (UFRN), detalha a importância que a Rede Covid-19 Humanidades tem, tanto do ponto de vista institucional, quanto no que diz respeito à produção resultante dos diálogos permitidos pela rede.

**Fernanda:** Nossa primeira pergunta é sobre em que consiste o projeto? Como surgiu a ideia e como foi a organização?

**Rozeli:** A Rede Covid-19 Humanidades, vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), surgiu em julho de 2020 com o objetivo de produzir análises sobre os impactos da Covid-19 no Brasil. A Rede envolve pesquisadores de diferentes universidades, tanto nacionais como internacionais. Foram ações que consideraram, de modo múltiplo e situado, as implicações científicas, tecnológicas, sociais, políticas, históricas e culturais da pandemia. Esse foi o primeiro momento da rede, entre os anos de 2020 até o final de 2022. O projeto é coordenado por nosso colega Jean Segata do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS)<sup>5</sup>. Eu entrei como colaboradora do projeto representando o PPGAS/UFRN. Também participam professores da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), da UFSC (Brasil Plural<sup>6</sup>), do Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (Unidavi), da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) e da *University College of London*. O projeto envolve professoras e pesquisadoras/es a nível de docência, além de estudantes de pós-graduação e da graduação. Na UFRN, a pesquisa está sendo desenvolvida a partir do Grupo Gênero, Corpo e Sexualidades (GCS). Fernanda, inclusive, fez parte dessa pesquisa quando estava no final da graduação em Ciências Sociais e, ainda, durante o mestrado em antropologia social, sob minha orientação. O título do projeto da primeira fase é “A Covid-19 no Brasil: análise e respostas aos impactos sociais da pandemia entre profissionais de saúde e população em isolamento”. Nessa primeira fase, tivemos

---

do PPGAS e do Núcleo Tirésias. Secretária adjunta da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs). Sócia efetiva da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Faz parte do Grupo Gênero, Corpo e Sexualidades (GCS/UFRN), Red Liess/Espanha, Nigs e Levis/UFSC. Tem experiência na área de Teoria Antropológica, Antropologia do Corpo, da Saúde e da Doença, e Antropologia das Relações de Gênero.

<sup>5</sup> Professor Adjunto do Departamento de Antropologia da UFRGS e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8646469321774113>. Acesso em: 22 jan. 2024.

<sup>6</sup> Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Brasil Plural. É um instituto de pesquisas vinculado ao CNPq que reúne pesquisadores de diversas universidades brasileiras. Mais informações em: <https://brasil.plural.paginas.ufsc.br>. Acesso em: 15 jan. 2024.

mais de 140 publicações entre trabalhos de conclusão de curso, trabalhos de mestrado e doutorado, artigos científicos, trabalhos técnicos, produções audiovisuais e dossiês. Também fizemos um dossiê na *Vivência: Revista de Antropologia* (PPGAS/UFRN) e outro na revista *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology* (ABA). Todas as informações constam em uma página dessa rede<sup>7</sup> e são interessantes para pesquisa.

**Sônia:** Nosso projeto se chama “Estado, populações e políticas locais no enfrentamento da pandemia de Covid-19: análise social e diretrizes de ação e intervenção não farmacológicas em populações em situação de vulnerabilidade e precariedade social”, cujo apelido é “Rede Antropo-Covid”, que é o nome que está em nossas redes, na divulgação, no nosso e-mail. A gente participou da chamada MCTI e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) de 2020. Fomos aprovadas com notas máximas pelos pareceristas, mas não recebemos financiamento porque os cortes no orçamento que a gente tinha feito eram maiores que 20% e, na regra do edital, com cortes acima de 20% o projeto caía, e o nosso caiu. O CNPq nos ofereceu parcerias com redes privadas, consultou se poderia enviar nosso projeto para algumas empresas que gostariam de financiar e, no fim, a gente conseguiu um apoio de uma doação vinda de uma empresa parceira do CNPq. O projeto é formado por uma equipe de doze pesquisadoras de seis instituições brasileiras: UFPB (sede), UFSC, Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal do Pará (UFPA) e Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro), do Paraná. Participaram em torno de 60 estudantes, entre graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado. Tivemos uma produção individual grande, com publicações, artigos, capítulos, mas também produzimos peças coletivas, alguns dossiês em periódicos, como o sobre sindemias na *Revista Áltera*. Organizamos três seminários internos, dois remotos durante a pandemia e, finalmente, um presencial em setembro de 2022, com a apresentação dos trabalhos e das pesquisas em andamento. Além disso, organizamos quatro mesas temáticas, com temas diversos, como negritudes; gênero, trabalho e políticas sociais; maternidades e, por último, ciência e pandemia, todos relacionados com a Covid-19. Foi bem interessante porque no decorrer dessas apresentações fomos percebendo que, no começo, os trabalhos apresentados eram ainda sobre os projetos de pesquisa. O pessoal estava indo a campo, discutindo metodologias, e o que a gente tem hoje, dois anos e meio, quase três anos depois, é um montante de resultados, de teses, dissertações, artigos e reflexões. Esses trabalhos estão muito ligados ao objetivo geral do projeto de não só pensar e compreender a pandemia

---

<sup>7</sup> Mais informações sobre a rede em: <https://www.ufrgs.br/redecovid19humanidades/index.php>. Acesso em: 20 dez. 2023.

ou entender os impactos sociais desse evento, mas produzir instrumentos metodológicos, teóricos e políticos para elaborar boas políticas em saúde, boas políticas públicas em situação de crise sanitária, direitos e também instrumentos para avaliar essas políticas. Então, o projeto todo tem uma pegada importante na ideia de uma antropologia engajada, presente na realidade social brasileira, e que deve construir instrumentos para produzir direitos, acesso às políticas sociais, políticas públicas interessantes. Junto com isso, tem o objetivo de produzir instrumentos metodológicos, teóricos e conceituais para entender uma situação de crise sanitária social e política como foi a Covid-19. Pois, no Brasil, a crise veio com tudo. A crise sanitária que estressou o Sistema Único de Saúde (SUS), os aparelhos de saúde e serviços, mas junto a isso, uma crise política, de representação, uma crise da democracia e dos direitos sociais que a gente teve que enfrentar também, inclusive enfrentar não só em termos de pesquisa, de produção de conhecimento, mas também pessoalmente. Muitos dos estudantes, durante a pandemia, ficaram em situação de extrema precarização, não tinha Restaurante Universitário (RU), não havia políticas de permanência na universidade, então a gente também prestou muita atenção nisso.

**Mônica:** Retomando a ideia de como surgiu a rede, eu acho que foi de uma possibilidade que se apresentou no momento em que a gente entrou em isolamento, no começo da pandemia, e estávamos, ao mesmo tempo, em comunicação com outras pessoas. Falando pela UFPB especificamente, que foi a sede do projeto Antropo-Covid, a gente tinha uma condição especial porque, em 2020, contávamos com a Sônia como professora visitante do nosso programa de pós-graduação em antropologia e ela tinha uma rede de pessoas com as quais já trabalhava, de ex-orientandas e colegas. Aqui, a rede da UFPB era formada pelos professores e professoras vinculados ao Grupo de Pesquisas em Saúde, Sociedade e Cultura (Grupessc), seus orientandos e orientandas. Então, para além dessa oportunidade que surgiu do edital, a grande experiência coletiva que passamos em 2020 gerou muitas tentativas de compreender e de pensar a pandemia, de fazer coisas em relação à pandemia desde a antropologia. Em junho de 2020, uma data anterior ao projeto, ofertamos pela UFPB um curso livre on-line, aberto à comunidade, intitulado “Antropologia, Saúde e Cuidados em Tempos de Pandemia”, do qual participaram Ednalva Neves<sup>8</sup>, Luziana Silva<sup>9</sup>,

---

<sup>8</sup> Ednalva Maciel Neves. Professora Aposentada do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7766410071856075>. Acesso em: 18 abr. 2024.

<sup>9</sup> Luziana Marques da Fonseca Silva. Professora Associada do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba – Campus IV. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6583873422051307>. Acesso em: 18 abr. 2024.

Marcia Longhi<sup>10</sup> e Pedro Nascimento<sup>11</sup>, todos professores da UFPB, além de nós duas, Sônia e eu. Pelo fato de ser um curso on-line, conseguimos convidar professoras de outras universidades para discutir conosco diversos temas como risco, cuidado, desigualdades, epidemias etc. Foi um curso, portanto, que nos deu a oportunidade de dialogar com pessoas que estavam longe, não que não fizéssemos isso antes, temos inclusive toda uma tradição de estudos multicêntricos no Brasil e no mundo, mas por conta do isolamento social, todos estavam conectados e conectadas, e isso facilitou para pensarmos em um projeto em rede. Além da necessidade de contribuir, de pensar no que poderíamos fazer nesse momento como antropólogas e antropólogos, também pensávamos, desde nossa posição de orientadores e orientadoras, em formas de apoiar os e as estudantes em um momento especialmente difícil, pela pandemia e pelo Governo Bolsonaro. O que nos motivou a nos juntar na Rede foi, por um lado, a possibilidade de apoio que a gente poderia dar aos estudantes e, por outro lado, a oportunidade de nos inserirmos em um projeto coletivo. Como posso me engajar em um projeto coletivo em que seja possível, de alguma maneira, contribuir e sobreviver, fisicamente, afetivamente e como antropóloga? Eu penso que a questão das redes foi fortalecida e possibilitada para atravessarmos, sobretudo, os primeiros anos de pandemia até a vacina chegar, até a gente começar a vislumbrar um novo horizonte político. Eu acho que esse trabalho em rede foi fundamental para nós também por isso. É importante lembrar esse tempo que a gente viveu. Foi uma rede de suporte e apoio para o grupo, de poder dar as mãos nesse momento tão difícil.

**Rozeli:** Eu posso falar um pouco desse lugar, como colaboradora do projeto a partir da UFRN, assim como de nossa relação com a UFRGS e com a rede. O professor Jean Segata, antes de ser professor efetivo na UFRGS, foi nosso colega no departamento de Antropologia, aqui na UFRN. Jean e eu também fomos colegas durante o doutorado na UFSC. Sempre tivemos uma boa relação e, além disso, afinidades em alguns temas de pesquisa. Ele já estava desenvolvendo esse projeto com financiamento do MCTI quando nos procurou para colaborarmos com a investigação. À época, eu estava desenrolando um projeto sobre o tema da Covid-19, mas de forma isolada. O único financiamento era uma bolsa de Iniciação Científica da qual Fernanda participava. Também tive outras alunas

---

<sup>10</sup> Marcia Reis Longhi. Professora Associada do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6213186075424256>. Acesso em: 18 abr. 2024.

<sup>11</sup> Pedro Francisco Guedes do Nascimento. Professor Associado do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0419711056417011>. Acesso em: 18 abr. 2024.

nessas atividades. E algo que marcou bastante a época da pandemia, onde tudo era on-line, foi a aproximação virtual e o afeto com as e os estudantes. Por isso, acabamos desenvolvendo dois eventos on-line que foram muito bacanas. Um deles, intitulado “I Simpósio de Antropologia da Saúde Coletiva da UFRN”, foi coordenado por mim junto à professora Raquel Littério de Bastos<sup>12</sup> da Escola de Medicina do campus Caicó/UFRN. Ela também é antropóloga e realizou alguns trabalhos junto com o professor Francisco Cleiton da Faculdade de Ciências da Saúde (Facisa/UFRN)<sup>13</sup>, meu ex-orientando. Uma das coisas que pensei em relação ao projeto foi ultrapassar a perspectiva local/capital. Jean trouxe essa perspectiva maior, de uma pesquisa nacional e internacional e, com isso, tive a preocupação com uma perspectiva que envolvesse saberes localizados do interior do Rio Grande do Norte. Somos carentes na realização de investigações na capital e ainda mais carentes no interior do estado. Assim, nos preocupamos com essa “interiorização”, trazendo essas pessoas para junto da investigação. Programamos e divulgamos o evento e chamamos Jean Segata para a abertura. Convidamos também outras/os integrantes da pesquisa como Raquel Littério (EMCM/UFRN), Denise Nacif Pimenta<sup>14</sup> (Fiocruz/MG), Soraya Fleischer<sup>15</sup> (UnB) e Francisco Cleiton Vieira (Facisa/UFRN). Posteriormente, desmembramos outro evento, intitulado “GCS e a pandemia da Covid-19: trabalho de campo, metodologia e afetos”. Foi assim, como estamos aqui agora, o tempo inteiro, tudo on-line, mas com muito afeto. A pandemia trouxe isso de bom, se assim podemos dizer. Realizamos um trabalho coletivo afetivo, “juntas on-line”, para compensar um pouco da solidão que sentíamos com o *lockdown*. À época foi horrível, pois não tínhamos contato pessoal com ninguém. Conseguimos realizar algumas trocas e perceber o que estava acontecendo naquele momento. Foi um evento bem importante. Eu e Mônica conversávamos muito sobre a importância de fazermos algumas coisas a partir dessa rede, que não fosse apenas teorizar, mas que envolvesse nossas/os estudantes também de forma afetiva, porque essa rede não poderia tratar apenas da pesquisa por si só. Tínhamos, obviamente, a parte institucional, teórica, metodológica. Mas tínhamos também em jogo

---

<sup>12</sup> Raquel Littério de Bastos, Professora Adjunta na Escola Multicampi de Ciências Médicas do Rio Grande do Norte. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2505245644909676>. Acesso em: 21 dez. 2023.

<sup>13</sup> Francisco Cleiton Vieira Silva do Rego, Professor Adjunto na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4438529628551741>. Acesso em: 21 dez. 2023.

<sup>14</sup> Denise Nacif Pimenta, professora do curso de Pós-Graduação em Saúde Coletiva na Fiocruz-Minas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6774833747964430>. Acesso em: 21 dez. 2023.

<sup>15</sup> Soraya Resende Fleischer, professora do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4854939558671572>. Acesso em: 21 dez. 2023.

a questão dos afetos. Foi uma movimentação intelectual importante, assim como também foi fundamental a relação pessoal reforçada entre as e os próprias/os estudantes.

**Sônia:** Foi legal a Mônica ter falado isso, porque além do Grupessc, que foi um núcleo importante na criação e no impulso, na época eu estava vinculada como professora visitante na UFPB, nós tínhamos uma rede prévia que era a subrede de saúde do INCT Brasil Plural, que envolvia o pessoal da UnB, da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), mas que acabou não entrando no projeto, a UFAM, a Unicentro e a UFSC, que é a rede que eu coordeno através da subrede “Cuidados de si e políticas da vida”, que funciona desde 2009. A gente juntou pessoas e grupos de pesquisa além dessa rede, principalmente o Grupessc e suas redes próprias, visto que ele é um grupo de pesquisa, mas tem suas extensões. Foi legal porque uma das coisas que caracteriza todo o trabalho que a gente fez é a ideia de rede. Então, é legal Rozeli trazer isso, pois é como se os grandes projetos que começam a se gestar no CNPq e na Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) respondessem a uma questão que a gente tem trabalhado, que é a ideia de rede. É a ideia de formar redes, depois redes de redes, e de alguma maneira, essa conversa aqui, é uma rede de redes, porque temos aqui duas grandes redes representadas, a Covid-19 Humanidades e a nossa, a rede Antropo-Covid. O que é interessante no trabalho em rede é que ele necessariamente tem que se configurar em um trabalho coletivizado, de trocas, muitas vezes de autorias compartilhadas, de produções compartilhadas. Pelo menos essa é a experiência que a gente teve e que marcou muito. Tem uma questão que aparece que é a da própria autoria mesmo, de como romper um pouco com essa dinâmica mais individualista da academia e principalmente da área de humanas, trazer um pouco dessa ideia de produção mais compartilhada. Eu acho que a gente conseguiu fazer coisas interessantes nesse sentido. E o interessante também é que lidamos com realidades regionais muito diferentes. A gente tem a Paraíba, e no caso de vocês, Rio Grande do Norte também, a realidade nordestina, o Sul do Brasil, o Centro-Oeste e o Norte, no caso da UFPA e da UFAM, que trouxeram algumas contribuições, mas que tinham menos gente participando. O importante é fazer um trabalho comparativo de pensar o que tudo isso traz para a realidade brasileira e especificamente o SUS, o tipo de política pública federal que a gente tem. Mas aí entra também as realidades estaduais, que é como os governadores brasileiros responderam à questão da pandemia. A gente percebeu como os governadores e os governos dos estados, no geral, acabaram emergindo como atores importantes na gestão da saúde pública e da pandemia, dimensão que, em contextos anteriores, não era tão central. Muitos governos estaduais confrontaram o governo federal, configurando um novo ator, que, na verdade,

não é novo, mas não tinha tanta visibilidade: os governos estaduais, que, no comparativo, acabaram fazendo alguma diferença. Por exemplo, a Paraíba viveu essa experiência, pois foi um dos estados que mais rapidamente decretou isolamento social e *lockdown*. Enquanto em Florianópolis ainda circulavam ônibus e o pessoal estava se contaminando, em João Pessoa não tinha ônibus circulando já bem no início, acho que no dia 18 de março. Foi uma coisa impressionante, porque a pandemia foi decretada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) no dia 11 de março e no dia 17 já fechou tudo, incluindo a universidade. No dia 18 não tinha ônibus circulando, diferente de outros estados, que viviam uma certa “normalidade”. Outra dimensão envolveu o trabalho etnográfico mais em nível local, que teve que lutar para acontecer, porque as pessoas não podiam ir para certos locais, tinham que entrevistar de modo remoto, conversar por telefone, tentar ver o que estava acontecendo localmente e temos as realidades mais visíveis como essa dimensão das políticas gerais e do que estava acontecendo. Outra coisa interessante é que a gente estava trabalhando com um tema que estava cotidianamente na imprensa. Isso faz da imprensa uma fonte bem importante para nossas pesquisas, pois ela foi fornecendo um material que a gente não tinha como acessar, como estatísticas e dados. Houve uma produção enorme, não pelo governo federal, mas pelo consórcio de mídia, a Fiocruz, entre outros institutos. E ali se estabelecia uma outra rede e parceria que trouxe a questão interdisciplinar. Foi muito importante essa interlocução com colegas que não eram da antropologia e das ciências sociais, mas que estavam pensando as dimensões sociais da pandemia também. Por exemplo, no caso do Instituto Brasil Plural (IBP), temos pesquisadoras da farmácia, nutrição, enfermagem, e, no caso da nossa rede, havia parcerias com a saúde coletiva da UFPB, com a psicologia e várias outras áreas. Acho que um dos saldos positivos de todo esse processo é tanto do trabalho em rede, quanto do interdisciplinar de fato, no sentido da necessidade de buscar essas interlocuções e, em terceiro, pensar a produção de um conhecimento compartilhado entre diferentes pesquisadoras e pesquisadores, alunos, orientandos e orientadores, mas também compartilhados com a própria população que está sendo pesquisada e que nos ensinou muito. Na verdade, essas populações e respostas locais poderiam ter ensinado o próprio Estado a agir no caso de uma emergência sanitária. Comunidades indígenas e quilombolas, algumas comunidades de bairros periféricos no Rio e em São Paulo, se auto-organizaram e fizeram seu isolamento social, independente das gestões municipais ou estaduais, e também ensinaram, nos ensinaram e ensinaram ao Estado, acho isso bem interessante e acho que isso precisa ser resgatado. Foi uma experiência que na antropologia existia como princípio e que foi se realizando como prática social durante esses anos.

**Rozeli:** Algumas coisas foram se desvendando em meio a antropologia e a etnografia, principalmente quando trabalhamos com grupos vulneráveis. A própria universidade percebeu que nem todas as pessoas tinham/têm acesso a livros, a equipamentos de informática ou à internet. Isso tudo fez com que houvesse uma reflexão por parte da instituição. No começo, lembro que todas/os na UFRN ficaram por volta de dois meses sem saber o que fazer exatamente. De repente, estávamos todas/os “genialmente” on-line. A formação intelectual, como já prevíamos, não foi a mesma. Sob o meu ponto de vista, o ensino on-line pode até ter “quebrado um galho”, ele foi/é muito bom para certas instâncias e afazeres. Contudo, não se realiza integralmente. Em nada se assemelha a um aprendizado de alta qualidade para a formação dos estudantes, e nós sentimos muito isso. E outra coisa bacana a que Sônia se referia era estar pensando “rede com rede”. Nós participamos de uma mesa juntas, de algumas publicações, dentre outras atividades. Sônia organizou um grupo de trabalho durante a Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) em que participamos. Inclusive os resultados serão publicados em um livro. Resultados que tem a ver com essa rede. Convidei Mônica e Cleiton para escrevermos um artigo juntas/os para a Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais (BIB), a convite dessa revista. Nele vamos tratar justamente de um levantamento sobre a questão da Covid-19. Além de nossas redes, eu sempre penso em parcerias que nos fazem crescer tanto intelectualmente como em nossas relações de afeto e pessoais.

**Fernanda:** Como foi formado o grupo de pesquisadores? De onde eles vieram? O que estavam pesquisando? Como foi a chamada da Rede deles para vocês?

**Mônica:** Fizemos convites aos nossos orientandos, às pessoas com quem vínhamos trabalhando e isso foi se expandindo. Uma das características da Antropo-Covid é que é uma rede de pesquisadores e de pesquisas. Ela não foi uma pesquisa em que as pessoas aplicaram os mesmos protocolos, em que todo mundo tinha as mesmas perguntas, isso tem a ver um pouco com esse processo de fazer pesquisa que a gente relatou aqui. Então, fomos convidando as pessoas e elas foram trazendo suas pesquisas e novas temáticas a partir dos seus interesses. Por exemplo, a Maysa<sup>16</sup>, que foi uma orientanda minha da sociologia, ia fazer uma pesquisa no mestrado sobre mulheres que produziam artesanato numa comunidade específica, e quando veio a pandemia, ela disse “como poderia pensar uma maneira de fazer relação entre o que eu queria trabalhar e a situação que agora estamos

---

<sup>16</sup> Maysa Carvalho de Souza, mestra em sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da UFPB. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1775961922377349>. Acesso em: 22 dez. 2023.

vivenciando?”. Ela foi trabalhar com costureiras, com mulheres que produziam as máscaras artesanais. Foi uma pesquisa que captou de fato uma necessidade, captou um processo social, captou a organização de uma resposta local e o modo como as relações de gênero e as relações de trabalho se organizaram no contexto local. Por outro lado, no Brasil, nós acabávamos de vivenciar uma emergência sanitária, que foi a crise do Zika Vírus, sobre a qual foram produzidas muitas pesquisas, então, houve um certo encontro de epidemias, como Soraya Fleischer<sup>17</sup> chamou. Não por acaso, a gente trabalhou nesse dossiê que comentamos antes (na Revista *Áltera*), sobre a sindemia, pensando esses vários encontros da Covid-19 com outras epidemias e condições de saúde. E uma parte de nós (eu e Luziana Silva, por exemplo) também vínhamos trabalhando com HIV/Aids, outra pandemia. Então, como a gente já vinha pensando epidemias e como a gente tinha acabado de dar uma resposta à outra emergência sanitária muito importante no Brasil, que foi a Zika, quando a pandemia da Covid eclodiu, nós já tínhamos a bagagem e o interesse em pesquisar esses temas. Resumindo, teve aquelas pessoas que, quando foram fazer suas pesquisas, se encontraram com a questão de que não tinham campo, ou que seus interesses tinham mudado e queriam compreender o que estava acontecendo, então, nós convidamos para se juntarem à Rede. E também teve os pesquisadores que já tinham um trabalho prévio, que vinham de outra emergência sanitária, de outras epidemias, que trabalhavam com questões de saúde, saúde mental, saúde reprodutiva, que tinham uma maior afinidade com as discussões de gênero de modo geral. Foi esse grupo que foi se juntando dessa maneira.

**Rozeli:** Nós já vínhamos trabalhando com o tema do Zika Vírus e com as mães de microcéfalos aqui no Rio Grande do Norte. Era um projeto relativo à minha bolsa de produtividade (CNPq 2) que se desmembrou na bolsa de IC e no TCC de Fernanda durante a graduação. Posteriormente, Fernanda deu prosseguimento ao tema no mestrado, intercalando o encontro dessas duas pan/epidemias no desenvolvimento de sua dissertação.

**Paula:** O projeto recebeu algum tipo de incentivo financeiro? Acho que vocês já falaram um pouquinho, mas só para pontuar mais especificamente.

---

<sup>17</sup> Título de projeto de pesquisa coordenado por Soraya Fleischer. Link: <http://repositoriocovid19.unb.br/repositorio-projetos/quando-duas-epidemias-se-encontram-repercussoes-do-covid-19-no-cuidado-e-cotidiano-de-criancas-com-a-scvz/>. Acesso em: 25 abr. 2024.

**Sônia:** No nosso caso aconteceu aquilo que eu falei da parceria entre o público e o privado. Recebemos uma doação, assim como a Fiocruz recebeu doações também de empresas que tinham parcerias com o CNPq ou que estavam cumprindo medidas de compensação no Ministério Público Federal (MPF), coisas desse tipo, então, recebemos uma doação. Mas, eu acho importante colocar o seguinte: sem a estrutura da universidade, sem as bolsas que os próprios alunos recebiam antes, sem a estrutura dos programas de pós-graduação, os núcleos de pesquisa, enfim, não é só aquele recurso que o projeto em si recebe, mas é toda a infraestrutura de pesquisa que o Brasil, mesmo com todo desmonte que aconteceu, foi essa estrutura pública que garantiu a possibilidade de fazermos pesquisa durante a pandemia, inclusive os seminários e aulas on-line. A universidade fez convênios, então, há essas verbas oferecidas para o projeto especificamente, mas também há essa contrapartida, essa infraestrutura das próprias universidades, do parque científico e tecnológico brasileiro, que foi fundamental para fazermos pesquisa. E uma outra coisa importante é que o nosso projeto funcionou um pouco como projeto guarda-chuva, porque ele abrigou muitos projetos de iniciação científica, mestrado e doutorado. Mas a gente entrou com esse projeto guarda-chuva no comitê de ética e foi aprovado. O fato de ter sido aprovado no comitê de ética liberou esse conjunto de subprojetos locais e mais específicos, pois, imagina ter 60 projetos submetidos, mais doze de pesquisadores, sendo que os pesquisadores tinham mais de um projeto, imagina tudo isso passando de forma fragmentada na Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep). Então apresentamos, fomos aprovadas, e isso abrigou todos os projetos e subprojetos que foram desenvolvidos nesse período, o que foi bem legal, já que nos liberou bastante desse esforço depois que foi aprovado. Mas, acho que é isso, é importante considerar no financiamento a estrutura já existente, por mais que ela estivesse sendo desmontada. Nós continuamos recebendo nosso salário, nós usamos nosso tempo de trabalho também para desenvolver a pesquisa, demos disciplinas sobre o tema, como o curso livre sobre saúde, além do próprio curso do departamento de Ciências Sociais da UFPB, envolvendo todos os docentes do departamento, que saiu em livro. Eu também dei um curso na UFSC sobre Antropologia e Neoliberalismo, que envolveu um pouco o tema da pandemia. Tivemos desdobramentos mais variados e usamos bastante do nosso recurso para apoiar pesquisas de campo e para bolsas para os estudantes. Praticamente dois terços dos recursos foram para as bolsas, para os alunos conseguirem se manter e continuar desenvolvendo suas pesquisas. Em 2022 pedimos a segunda prorrogação, que se estendeu até dezembro de 2023. O projeto iniciou em maio de 2020 e na prática finalizou no início de 2024 com a coletânea Antropologias de uma pandemia, que foi publicada pelas Edições do Bosque, do CFH/UFSC. Além

disso, tivemos muitas participações em eventos, publicamos dossiês em periódicos, participamos da XIV Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM) e da V Reunião de Antropologia da Saúde (RAS).

**Rozeli:** Tivemos a primeira fase da pesquisa que foi até 2022, e de lá para cá, a pesquisa se desdobrou sob o título “Covid-19 no Brasil II: análise e respostas aos impactos sociais da imunização, tratamento, práticas, ambientes de cuidado e recuperação de afetados”. A pesquisa engloba aspectos da pandemia que hoje se tornaram salientes e não estavam previstos no início: o impacto social do tratamento e da imunização, medicações indicadas como preventivas e as demais impelidas aqueles pacientes em recuperação após alta hospitalar, o impacto da vacinação na dinâmica do curso da pandemia, incluindo a redução da contaminação, mas a resistência e a adesão a essa medida, a pós-covid-19 ou Covid-19 longa. Essa tem sido uma medida urgente da pesquisa no que diz respeito ao acompanhamento de pessoas enlutadas e com traumas, assim como aquelas que têm desenvolvido sequelas ou sintomas do que é chamado de síndrome da Covid-19 ou Covid-19 longa. Assim, essas outras perspectivas estão sendo desenvolvidas no momento. Como a equipe é muito grande, lá na página da pesquisa já se pode conferir algumas publicações. E certamente vai ter muita coisa daqui para a frente. Como Sônia estava falando, ainda vamos apresentar alguns resultados na RAM, na RAS, dentre outros eventos.

**Mônica:** Nos desdobramentos da Antropo-Covid, uma parte do grupo original passou a integrar uma outra rede de pesquisa que se chama Ecos da Pandemia. O nome da nova pesquisa é “Impactos sociais, políticas públicas e estratégias locais de enfrentamento da pandemia de Covid-19: saúde, proteção social e direitos, uma abordagem interdisciplinar a partir das ciências humanas”. Mas chamamos o projeto de Ecos da Pandemia porque é um nome mais curto e tem mais a ver com o que procuramos. A ideia dos “ecos da pandemia” traz o desafio de pensar o que ficou a longo prazo. Acho que as nossas pesquisas estão olhando agora para questões que têm a ver com a maneira como essa memória se transforma, e vai agindo no cotidiano a partir de diferentes questões. Então, outro grupo se juntou ao nosso, Sônia está como coordenadora desse novo projeto, ela pode falar mais um pouco. Dessa vez, a sede é na UFSC, mas também envolve a UFPB, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e a Universidade Federal de Roraima (UFRR). E a gente está em outro momento, no sentido que, se formos comparar, são agora pesquisas presenciais, houve um retorno ao bom e velho trabalho de campo. Embora você possa continuar usando as ferramentas digitais, já não é a necessidade como a que existiu no momento inicial da pandemia, e também os próprios encontros virtuais têm outro caráter. Nos encontramos on-line agora também, mas é diferente daquele

momento em que estávamos o tempo todo on-line. É outra intensidade do próprio ritmo da rede que acho que tem a ver com esse momento muito especial que a gente viveu e como esses encontros virtuais terminaram sendo o que nos restava para podermos nos articular.

**Sônia:** É muito legal porque ele, de certa forma, dá continuidade ao nosso projeto, apesar de envolver outras instituições, mas UFSC e UFPB continuam ali, então, continua no mesmo núcleo. Outras pessoas entraram, até pessoas que não trabalham especificamente com saúde, que trabalham com outras questões, mas vivenciaram os efeitos da pandemia, desde a questão prisional, passando pela economia informal e uma série de outras que estão envolvidas ali. Eu percebo a rede Ecos da Pandemia um pouco como a continuidade da experiência. A rede Antropo-Covid não terminou, continua, mas estamos agora com a Ecos da Pandemia, que é outra rede, mas que tem intersecções. Isso que é interessante da rede de novo: como as coisas vão se juntando, se afastando e se juntando de novo lá na frente.

**Rozeli:** Eu também acho que essa parte da produção teve muita coisa na Rede Covid-19 Humanidades. Muitos estudantes envolvidos e muitos trabalhos que estão sendo feitos agora, também um quantitativo que eu não sei com precisão, mas têm muitas publicações, porque tem muita gente envolvida. No site tem um mapeamento bem interessante. Nossa preocupação não é só a entrada das e dos estudantes na graduação e pós-graduação, mas da permanência, que é uma das nossas maiores preocupações como orientadoras. Quando surge uma bolsa através das redes e dos projetos, o efeito é muito positivo também.

**Paula:** Como vocês analisam a existência de um projeto de ciências sociais no âmbito dos debates acerca da pandemia, considerando o poder de outras áreas como a medicina, por exemplo?

**Sônia:** Eu posso começar, porque falei tanto sobre isso desde o começo. Como, de certo modo, as ciências sociais pediram a palavra durante a pandemia, nem pediram, foram arrancando a palavra e falando, no sentido de que a resposta foi muito rápida. Muito rapidamente a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs) começou a publicar os boletins Ciências Sociais e a Pandemia, depois virou aquela coletânea que está disponível para quem quiser baixar no site da associação. Eram textos curtos, de três páginas mais ou menos, mas bem programáticos e interessantes. Essa foi uma primeira resposta. Todo o campo respondeu e atendeu ao chamado da Anpocs. As redes que se formaram, a gente está aqui com duas e uma terceira que está se formando,

só aqui, nessas cinco pessoas conversando, imagino que em outros lugares, outras redes, outros grupos, outros projetos tenham sido desenvolvidos. Então, as ciências sociais são uma área que se mostrou extremamente prolífica, com uma produção bem interessante, atendendo às propostas que a pandemia trouxe, mas foi muito pouco ouvida na produção das políticas públicas para a Covid-19. Realmente, todas as políticas que foram feitas se baseiam em conhecimentos epidemiológicos e biomédicos, o que é bem óbvio e esperado. No entanto, pouco se levou em consideração as questões ligadas às ciências sociais e ao conhecimento mais ligado à área de humanas. E exatamente porque muitas das políticas não incorporaram as reflexões que estávamos fazendo nesse campo, elas se mostraram extremamente limitadas. Por exemplo, a adesão ao isolamento social, tudo bem que o isolamento social é uma medida epidemiológica fundamental em momento de crises sanitárias, mas quais são as condições sociais para isso acontecer? Como as comunidades vão responder a isso se elas não têm nem serviços de saúde local? Se as pessoas têm que sair para se virar e conseguir dinheiro para comprar comida, se vivem 15, 14, 10 pessoas em uma casa com dois cômodos, como é que funciona o isolamento social ali? Isso somos nós que temos que responder, isso é a gente que vai chegar lá e pesquisar, assim como outras condições, a exemplo da questão indígena, as barreiras sanitárias e o isolamento, que são superimportantes. Eles tomaram essa iniciativa, só que as invasões continuaram acontecendo, então, não tinha como ter uma política sanitária em relação aos povos indígenas sem trazer junto uma discussão que a antropologia vem fazendo há muito tempo sobre a inviolabilidade dos territórios indígenas e a necessidade de demarcação desses territórios. Não é a epidemiologia que vai trazer essa questão, é a antropologia. Então quem é que consegue produzir isso e quem é que consegue produzir um conhecimento que vai impactar, por exemplo, na gestão de outras crises sanitárias? As ciências sociais, a antropologia, a sociologia, outras áreas de humanas. Há outras autoras que trabalham com a pandemia e que já trabalharam com o ebola, HIV/Aids, qual é a conclusão a que essas pesquisadoras e pesquisadores chegaram? Políticas sanitárias que não levam em consideração os impactos e dimensões sociais e culturais, são políticas fadadas ao fracasso, que vão ter um efeito extremamente parcial e não vão ter sucesso, como não tiveram em muitos lugares. Então, uma primeira questão é essa. A gente teve pouco espaço para sermos ouvidas pelos gestores, mesmo em lugares onde houve uma gestão mais consciente, menos negacionista, com uma pegada social da pandemia, como foi na Paraíba, como foi no Rio Grande do Norte, em alguns estados do Nordeste. Mas mesmo ali havia uma resistência muito grande em receber, acolher e ouvir o que as ciências sociais estavam dizendo. Junto com isso, tem uma questão que eu tenho discutido bastante

também: contra o negacionismo desenvolveu-se um discurso extremamente reducionista do que é a ciência, muito baseado na ideia de que, se há uma mentira negacionista, vamos opor a esta uma verdade científica. Quando a ciência não se reduz a uma verdade, ela é um processo, é um modo de produzir conhecimento, e esse modo é ocultado, tornado secundário no debate, sobrando o embate entre uma verdade científica e uma mentira negacionista. E essa verdade científica vai se reduzindo cada vez mais. Tivemos situações nas quais foram colocados, no mesmo bolo, os discursos de Bolsonaro, os métodos tradicionais de cura indígena, as Pícs, que são as Práticas Integrativas e Complementares da Organização Mundial de Saúde (OMS) e do SUS, tudo no mesmo bolo. Se dizia que charlatanismo não é ciência porque a ciência é o que faz a biomedicina, excluindo todos os saberes e conhecimentos tradicionais, locais, com que a antropologia tem trabalhado historicamente, e nós ali no meio. Refletir sobre todas essas questões é nosso papel como cientistas sociais e particularmente como antropólogas. É o que temos feito na antropologia da saúde, mostrando, por exemplo, na área da saúde, a importância da pesquisa qualitativa, mostrando a importância da pesquisa etnográfica. Não dá para fazer política de saúde só baseada em estatística, porque as dimensões dos modos de vida, dos modos de encarar uma doença, das visões sobre o que é o adoecimento, do que é o corpo, o que é saúde, você não vai resolver com estatística, precisa ir lá fazer pesquisa etnográfica e/ou qualitativa. A gente está nessa briga há muito tempo, não foi na pandemia que isso começou, mas, nesse período, veio com muita intensidade, principalmente porque, junto da pandemia, veio a questão da desinformação, do negacionismo, de um governo que não fez políticas públicas e ficamos pensando em como vamos responder a isso. Eu acho que trouxemos muitas respostas também, se fomos ouvidos ou não, aí é outra coisa [...]. Eu acho que agora, no pós-pandemia, está na hora de começar a sistematizar as perguntas e respostas e enfrentar o debate, sem medo de ser acusado de estar relativizando. Vamos enfrentar o debate a partir do nosso campo e não tendo que aderir a uma ou outra visão reducionista, inclusive a essa visão reducionista de “ciência”. A gente consegue identificar vários discursos que emergiram e que contrariam nossa visão de ciência como processo, como perguntas metódicas e a própria ideia de uma ciência plural, que está contida nas concepções sobre simetrização, diálogo intercultural, produção de um conhecimento dialógico com os sujeitos que a gente pesquisa, porque eles também produzem conhecimento, e o seu conhecimento é útil para a produção de política pública, para o enfrentamento desta e de outras pandemias e crises sanitárias, ambientais, etc. É o que algumas lideranças indígenas estão trazendo, quando afirmam que os povos indígenas estão sempre em situação epidêmica, convivendo com situações epidêmicas há séculos e

produzindo seus próprios modos de responder a tais circunstâncias. Isso foi utilizado ou considerado em alguma política pública, em alguma política de saúde? Não. Por mais que os princípios de saúde indígena digam que é preciso respeitar os conhecimentos tradicionais indígenas de cura e de como lidar com situações de adoecimento, estes não foram levados em consideração. Isso é um pouco do impacto que nossa pesquisa conseguiria produzir em políticas mais reflexivas, que deem conta da complexidade, que não sejam somente aplicação do manual.

**Mônica:** Eu acho que essa parte a Sônia trabalha muito bem, porque de outras epidemias que a gente já vem estudando, do campo da antropologia da saúde, de uma forma geral, e dos estudos da saúde global também, tem tido muita crítica à questão da “bala mágica”. Crítica à ideia de que você vai encontrar algum tipo de resposta que vai dar conta de tudo e vai ser universalizável, que ela vai ser científica e que, quanto mais sofisticada e mais relacionada com o laboratório, melhor ela vai ser, que foi um pouco da nossa expectativa em relação à vacina. São políticas baseadas em uma compreensão da população, bem foucaultianas, de indivíduos equivalentes, e a gente trabalha numa perspectiva de coletivos, de comunidades, atravessadas por marcadores sociais, por diversas vulnerabilidades, em contextos históricos, sociais e culturais específicos, que vão ser afetadas de modos diferentes. Então, uma coisa que a gente trabalha muito bem nas ciências sociais é a pluralização das experiências, dos impactos e dos efeitos. A compreensão de que uma pandemia não é igual para todo mundo, ela não vai afetar nem física, nem biológica, nem socialmente a todo mundo, então, o que a Sônia faz nesse discurso é introduzir uma perspectiva sociológica e antropológica ao problema. E eu queria chamar atenção para uma coisa que talvez não seja tão importante em termos de políticas de resposta à pandemia, mas ela pode ser importante para as políticas reparatórias e políticas de memória, que é o nosso papel como testemunhas. Uma ciência social que vai se aproximar das experiências das pessoas que foram afetadas de maneiras bem diversas por tudo que aconteceu, pelo modo como a pandemia se deu no Brasil de 2020, no Brasil de Bolsonaro. Eu acho importante pensar esses aspectos nos nossos trabalhos, como o próprio trabalho da Paula, que está aqui nos entrevistando, sobre as enfermeiras que estiveram na linha de frente, ou o trabalho do Weverson<sup>18</sup> com as pessoas vítimas da Covid-19. Nessas pesquisas, essas experiências ganham o status de poderem ser contadas e também de contar, no seu sentido duplo, de contar o que aconteceu, mas também contar no sentido importar; elas ganham importância nos nossos relatos e nossas pesquisas. Não vamos falar

---

<sup>18</sup> Weverson Bezerra da Silva, doutorando em Antropologia (PPGA/UFPB). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4054451511593656>. Acesso em: 22 dez. 2023.

pelo outro, mas como foi uma experiência coletiva, nós também fizemos parte dela. Esse papel de uma antropologia que testemunha o sofrimento, que pode estar junto, mas que não banaliza o sofrimento, ela está atenta, ela dá ouvidos, ela fala da importância de não esquecer. Acho que temos um lugar nesse não esquecimento, temos que manter registro do que aconteceu.

**Rozeli:** Penso que as ciências humanas e sociais tiveram uma resposta muito rápida, como, por exemplo, as atividades e publicações da Anpocs, dentre outras. Observamos também uma corrida muito acirrada para pesquisar o tema da Covid-19. De repente, nos deparamos com o anúncio nas redes sociais sobre a organização de dossiês e artigos sobre o tema da Covid-19. E eu pensava: “Minha gente, eu não teria a menor condição de fazer uma coisa dessas!”. Eu penso que temos, como diria o Dan Sperber, os tempos do capitalismo e os tempos da antropologia, então, sofremos um pouco com tais circunstâncias, pois, como é que poderíamos fazer antropologia nesses tempos capitalistas? Sem falar que a pandemia da Covid-19 surge em meio a um governo de extrema direita. Nós estávamos mais acostumadas a trabalhar com epidemias, a Mônica, a Fernanda, a Sônia. E, de repente, chega uma outra epidemia com imensa emergência sanitária que tem esse grande impacto como todas/os percebemos. A pandemia afetou esse fazer antropológico, nossas metodologias de pesquisa. Estamos acostumadas a ir a campo, a pesquisar, conviver presencialmente, tête-à-tête, com gente de carne e osso. Daí surgiram muitos desafios de como fazer pesquisa/etnografia fora/dentro da telinha. Assustou-me um pouco essa corrida por publicações sem ter uma pesquisa mais “formalizada”, digamos, porque eu preservo os tempos da antropologia. Ou pelo menos tento preservar, por mais que as vezes seja muito difícil acompanhar institucionalmente a produtividade exigida. Contudo, e ao mesmo tempo, fiquei impressionada e feliz pela criatividade das e dos pesquisadores em tempos de pandemia. As ciências sociais e humanas demonstram que a pandemia não poderia ser analisada somente a partir de números ou de estatísticas. Mas também pelo lado social e cultural. Do mesmo modo, tivemos que nos reinventar metodologicamente. Reforçamos em nossas pesquisas a utilização de outras técnicas — já conhecidas até — como os *surveys*. De repente, surge o *Google Forms*. E nós aprendemos a mexer com essas outras técnicas. Eu escrevi junto com Natalia Araújo e Cleiton Vieira um artigo em que a pesquisa se deu através do *Google Forms*. Realizamos posteriormente entrevistas on-line. E muito dessa experiência nos faz chegar nas pessoas, mesmo que virtualmente. Enfim, com a pandemia, as ciências sociais e humanas também deram (e muito bem) o seu recado. Como é que você mede a dor do luto, por exemplo? É através das ciências sociais, é através das nossas etnografias.

Escutamos muitos relatos de pessoas enlutadas, nós perdemos muitas pessoas, perdemos estudantes, perdemos amigos e escutamos algumas pessoas dizendo “eu espero que fulano não morra porque minha mãe ou meu pai não sabem fazer um enterro sem um luto, sem ter um velório”. Como explicamos isso? Explicar números é muito importante, embora limitado. Falta pensar nas questões subjetivas. Precisamos explicar como esses fatores vão além de uma dimensão biológica ou apenas estatística, sem sombras de dúvidas. Como pensar um *lockdown* para as diferentes classes sociais ou trabalhistas, por exemplo? Trabalhadores da “linha de frente”, por exemplo, nos chamaram atenção sobre onde, em tempo de pandemia e *lockdown*, poderiam deixar os seus filhos, sendo que as escolas, as creches, assim como outras instituições, estavam fechadas. Enfim, perguntas sobre outras perguntas, que nós, como cientistas sociais, estamos fazendo, e que outras ciências, muitas vezes, fingem que não escutam. Do mesmo modo, o que muitas vezes falamos não é interessante para determinados processos institucionais e políticos.

**Fernanda:** Vocês trouxeram questões superimportantes e é muito proveitoso para o nosso dossiê essas reflexões sobre as redes porque para nós que estamos efetivamente entrando nessas pesquisas, que viemos da graduação para o mestrado, as redes foram lugares de acolhimento e essenciais para repensar todas as escolhas que fizemos até agora. Eu já participei de outras redes. Eu estava na rede do Zika, que depois virou a rede do pós-epidemia de Zika, e a gente está vendo isso agora também, pensar um momento pós-epidêmico à Covid-19. Mas o objetivo do nosso dossiê é pensar as reflexões e as metodologias na época da Covid-19 e vocês já trouxeram coisas interessantes para pensar, como o cenário político, a questão do negacionismo, a abrangência do local, nacional e internacional, a questão da interdisciplinaridade, que cada vez vem se fortalecendo mais, mesmo com seus desafios, a questão das redes sociais que se tornou uma forma de trabalhar a visibilidade e um certo retorno à pesquisa. Na Rede Covid-19 Humanidades. tivemos muitos trabalhos audiovisuais interessantes. Mas eu acho que temos muitos desafios e reflexões para fazer, e podíamos encerrar com esses pensamentos: quais foram as dificuldades de compor as redes, tanto para os pesquisadores, quanto para os estudantes durante a pandemia da Covid-19?

**Mônica:** Eu acho que já virou um lugar comum que o primeiro desafio para uma disciplina que se pensa, sobretudo, a partir de uma etnografia presencial — que agora chamamos de presencial, mas que antes era só etnografia — com base no trabalho de campo, na convivência com outras pessoas no mesmo espaço-tempo, digamos, foi como lidar com

as impossibilidades postas pelo medo do contágio, pelas políticas de biossegurança. De que modo ter acesso às pessoas com as quais queríamos conversar? Como que eu posso conhecer o que está acontecendo se eu não posso chegar perto das pessoas? De que maneira eu posso compreender quais são as situações e dilemas relacionados à pandemia, se não posso sair de casa? Então, por um lado, se a gente estava se relacionando virtualmente ou a partir de aplicativos, óbvio que a busca dessas ferramentas para chegar até as pessoas foi muito estimulada. Todos viramos objetos de pesquisa ao mesmo tempo, não sei quantos formulários de *Google Forms* eu cheguei a responder. Foi bem interessante ver como a gente dialogava com aquilo, qual a pergunta que eu vou colocar, qual a resposta que quero, a questão de pesquisar pelo *WhatsApp*. E, então, várias dificuldades foram aparecendo, pois como você acessa as pessoas a partir dessas tecnologias? Rozeli lembrou aqui mais cedo que nem todo mundo tinha acesso às tecnologias do mesmo jeito, que existiam os excluídos digitais. De que maneira abordamos essas pessoas? Estou olhando para Paula e lembrando da nossa saga para encontrar enfermeiras. Acabamos fazendo um uso dos nossos recursos, dos nossos capitais sociais, e eu acho que essa foi uma dificuldade, o desafio de como sair de nossas redes, de nosso grupo social. Em muitas pesquisas, foi isso o que fizemos: “eu conheço tal pessoa, fala com ela”, e essas redes têm seu limite, em termos sociais, econômicos, raciais. No caso de Paula, esse limite ficou muito evidente porque a gente conseguiu acesso às entrevistadas a partir de uma rede de pessoas que estavam na pós-graduação, e isso deu um recorte específico ao universo de pesquisa. A situação excepcional da pandemia foi boa pelo que a gente teve que aprender. Um foi no *Google Forms*, outro no *Instagram*, outro no *WhatsApp*. A gente aprendeu que cada uma dessas interfaces vai gerar conversas diferentes, vai gerar possibilidades diferentes de compreensão. A gente precisou pensar reflexivamente nossa relação com essas diversas plataformas, tecnologias e mediações. E coisas que já fazíamos, que não tínhamos consciência disso, como dar nosso perfil do *Instagram* para as nossas comunidades de pesquisa, passaram a ser diferentes, porque isso também servia como pesquisa. Outra questão foi lidar com todas as nossas dificuldades de viver em uma pandemia, em meio a um pandemônio. Como foi difícil se manter vivo e saudável fazendo pesquisa naquele momento! A gente passou por momentos extremamente difíceis com adoecimento, com perdas, e isso faz parte da experiência, nesse local de pesquisadores vulneráveis. Todos estávamos em diferentes graus de vulnerabilidade e isso foi uma aprendizagem coletiva. Talvez na área da antropologia da saúde a gente lide um pouco com isso, de você poder adoecer e seu próprio adoecimento te levar a um tema, mas de uma hora para a outra, todos passamos a estar sujeitos a isso, em maior ou menor medida.

É bom para repensar quem são os sujeitos que fazem as pesquisas. Uma terceira questão também é que, mesmo com todos os medos e apelos para ficar em casa, fomos a campo; muitas pessoas foram a campo, a vida não parou, esse foi outro desafio. Lembro do trabalho da Bruna<sup>19</sup> com o consultório na rua, da pesquisa da Roberta<sup>20</sup> nos abrigos para crianças e adolescentes. Essas pessoas (a população em situação de rua, as crianças, as trabalhadoras e trabalhadores) estavam nos serviços essenciais que continuaram funcionando, e, como antropólogas, também fomos atrás. Mas lembro de duas advertências de colegas nossas. A Ednalva sempre falava que toda pesquisa agora exigia uma gestão do risco, que é algo que a gente não pensava antes, ou pensávamos somente quando fazíamos pesquisas relacionadas à violência, mas agora todas as pesquisas incorporavam alguma gestão de risco. Arthur<sup>21</sup>, orientando da Marcia, trazia sempre o mesmo questionamento: “será que eu posso ir para um asilo de pessoas idosas? E se eu levar o vírus da Covid para eles?” Pesquisadores pagando seus testes antes de irem encontrar seus interlocutores, com medo de transmitirem o vírus, e o medo também de as pessoas se contaminarem ao fazer trabalho de campo. Marcia Longhi fala muito da ética do cuidado, de como a gente desenvolveu práticas que lidavam com risco a partir de uma ética do cuidado, do pesquisador com os pesquisados e com aqueles com quem estávamos nos relacionando. Resumindo, teve antropólogos e antropólogas em campo, porque a vida não parou, e os serviços essenciais continuaram atuando e nós fomos atrás. E nos casos em que não podíamos ir atrás existiu toda uma dificuldade de trabalhar com a mediação digital, que às vezes é possível, mas as interações são necessariamente mais curtas. Por exemplo, como você vai manter uma relação que seja iniciada pelo *WhatsApp*? É diferente de você ir em um lugar, de conversar. Então, os desafios dessa mediação e as reflexividades que ela propôs, só para começar, estão entre os aprendizados da pandemia para a antropologia. O dossiê de vocês vai ser muito rico porque foram muitas aprendizagens e desafios durante esse tempo.

**Sônia:** Um dos desafios que tivemos que enfrentar foi o de como produzir uma reflexão quase em tempo real, antropologia em tempo real, ou antropologia da urgência e na urgência, correndo o risco de não conseguir fazer análises rigorosas, de usar mal os poucos

---

<sup>19</sup> Bruna Carla Cordeiro de Carvalho, doutoranda em Antropologia do PPGA da Universidade de São Paulo (USP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8918726638891358>. Acesso em 18 abr. 2024.

<sup>20</sup> Roberta do Nascimento Mello, doutoranda em Antropologia (PPGA/UFPB). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4912302341589928>. Acesso em: 22 dez. 2023.

<sup>21</sup> Artur Pereira Quinteiro Costa, mestre em Antropologia (PPGA/UFPB). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2620721589719399>. Acesso em: 22 dez. 2023.

dados. Esse é um grande desafio. Primeiro, fomos interpelados a produzir reflexão. Como produzir reflexão no calor dos acontecimentos, que é uma coisa que me atrai muito porque eu sou uma jornalista de formação, então, eu tenho essa coisa meio jornalística de ir atrás dos fatos. Mas, para a antropologia, a gente realmente rompe com uma temporalidade, um ritmo que é próprio da antropologia e que já vem sendo estressado nos últimos anos com tempo e prazos de dissertação, tempo em campo, enfim. Mas eu acho que o que nos ajudou a enfrentar isso foi o nosso lastro de pesquisas anteriores, de teorias e conceitos produzidos anteriormente, do conhecimento acumulado de tudo isso, da própria antropologia da saúde. Então, que instrumentos a gente teve para enfrentar essa antropologia em tempo real? Essa coisa de ter que produzir análise com poucos dados, mas que já eram dados gritantes. Eu acho que o lastro foram os conceitos, metodologias, comparativos com outras epidemias. Por exemplo, com a questão do luto que foi discutida em trabalhos anteriores, como os trabalhos sobre o ebola, no qual houve uma questão social importante que foi a do luto e da impossibilidade de realizar os rituais funerários tradicionais, questão que foi trabalhada por vários antropólogos. E nos deparamos com isso na pandemia da Covid-19. Trazer esses trabalhos anteriores e pensar como eles poderiam nos ajudar a fazer essa reflexão foi fundamental. E tem um outro aspecto, que diz respeito à questão do campo remoto. Muita gente está discutindo que o campo remoto veio para ficar, com as entrevistas on-line etc. Mas aí tem a questão central para mim que é a dos excluídos digitais: com esses não tem campo remoto. Existe uma realidade contemporânea da exclusão digital, dos alunos que não conseguiam acompanhar a aula, dos sujeitos de pesquisa que sequer têm acesso a celular. Eu fui em um restaurante de uma comunidade quilombola, e dona contou que, durante a pandemia, os alunos da escola pública ficavam embaixo de uma árvore do lado do restaurante para pegar o *Wi-Fi* para poder assistir aula, então, ficavam todos ali, sentados no chão, na grama, sentados na árvore assistindo aula com o *Wi-Fi* do restaurante. A questão da exclusão digital nos dá um alerta para essa romantização do digital na etnografia. Eu tenho muito pé atrás e acho que a gente tem que ter muito cuidado para não achar que a etnografia digital veio para substituir a presencial. A exclusão digital está aí ainda, então, acho que essa é uma questão que a gente pode debater em fóruns e que é bem importante. Fazer frente a essa questão metodológica da etnografia digital, assim como a questão da aula, do ensino digitais, e como eles não substituem, não são a mesma coisa.

**Rozeli:** Penso que esse é um gancho. O digital não substitui o ensino. Ele auxilia. De fato, auxilia. Como estamos fazendo esse bate-papo aqui, essa entrevista, é muito bom o gancho sobre a etnografia digital. Tem os seus benefícios. Se as estudantes perguntam “professora,

eu posso fazer uma entrevista on-line?” Eu digo que sim, pode, contudo, será diferente do presencial. Porque on-line terá uma versão. Mas, estar presencialmente... o fato de você sair de casa até chegar nesse lugar, podem acontecer tantas coisas e tantas mudanças além de coisas inusitadas! É muito inusitado, muito diferente do on-line que vai te trazer coisas bacanas, porém, não será a mesma coisa. Essa é uma discussão a ser feita mesmo, um dos desafios da construção metodológica. Por exemplo, houve muitos casos de mães de crianças com microcefalia que tiveram Covid-19 e tínhamos muito receio. Tínhamos medo do contágio, de infectarmos e de sermos infectadas. Então, é um desafio ético muito grande, de responsabilidade grande, era um medo. Hoje, conhecendo um pouco mais sobre a pandemia, faríamos diferente. Mas teve um desafio também com o aprendizado sobre a utilização das redes, a coisa de fazer um *Google Forms*, de aprender a fazer. Isso foi um desafio grande, como o *podcast*, que se intensificou durante a pandemia. Mas sobre as descobertas metodológicas, eu não sei se teve alguma descoberta metodológica, acho que tivemos esses aprendizados, e o que eu vejo, falando um pouco por mim e pela rede também, acho que uma das coisas que chamou bastante atenção foram as reflexões sobre a uberização e também sobre os frigoríficos na pesquisa que o professor Jean Segata, que é o coordenador da rede, realizou. Uma pesquisa muito interessante relacionada com a política regente com a questão da ecologia e do meio ambiente, que ele trouxe nesse trabalho feito dentro dos frigoríficos, e como os frigoríficos ligados às questões capitalistas não pararam.

**Paula:** Vocês teriam alguma questão a colocar? O que vocês acharam da iniciativa do dossiê?

**Sônia:** Acho que a grande descoberta é de que não tem nada como a boa e velha etnografia. Porque a própria questão da velocidade, da intensidade, ela pode ser necessária em alguns momentos, mas, em outros momentos, é necessário responder a isso trazendo o antigo. Quando a gente traz o conhecimento acumulado, a gente também está quebrando com esse regime da urgência, a gente está trazendo algo que demorou muito tempo para ser produzido, acumulado. Então, a longa temporalidade, o longo tempo da pesquisa etnográfica está presente, mesmo na urgência, acho que essa é uma questão importante de colocar. Não acho que seja uma descoberta, mas valorizar o conhecimento local é fundamental e se fez fundamental na pandemia, não é uma descoberta porque a antropologia já tem trazido questões sobre isso há muito tempo. Claro que algumas questões se intensificam, mas acho que uma coisa que se tornou muito visível pra mim é

a importância de valorizar os conhecimentos locais, os modos locais, as práticas locais, um conhecimento que foi também forjado no tempo. Então nossas contribuições “em tempo real” não são uma resposta imediata que apareceu do nada, ela também vem sendo forjada há muito tempo. Por exemplo, no caso dos indígenas, no enfrentamento de epidemias, pandemias, no enfrentamento de outras questões sanitárias, adoecimentos, como falei antes. Então, nos colocando já no momento posterior, é interessante fazer esse recuo e pensar que no momento da pandemia a gente estava enfatizando muito a invenção de metodologias compatíveis com o isolamento e a impossibilidade de ir ao campo presencial. Eu sinto que agora a gente já está no momento reflexivo que nos recoloca em outro lugar em relação a essa romantização do digital. Eu acho que ele foi necessário, mas o investimento no trabalho etnográfico de longa e média duração, dialógico, presencial, acho que isso retorna como algo importante.

**Rozeli:** Falando sobre isso, Sônia, eu lembrei de uma coisa que a Soraya conversou com a gente, de como é importante, mesmo na pandemia, visitar nossos trabalhos de campo anteriores. Foi uma dica muito legal. Eu consegui terminar um texto sobre uma pesquisa realizada há alguns anos em Caicó, no interior, sobre o aborto legal. Lá, a gente estava tentando fazer a pesquisa na maternidade, não deu certo, tentamos no centro de saúde e acabamos na feira livre. Tínhamos muitos dados e somente durante a pandemia eu consegui retornar a eles. Eu lembrei disso por conta dos tempos da antropologia, da pesquisa, porque eu demorei muito tempo para fazer essa pesquisa, demorei muito tempo para escrever um artigo, e se você for comparar com a cobrança da produtividade, isso é uma pena, porque não é compatível. Enfim, uma das coisas que eu gostaria de falar, além disso, é que a ideia de fazer esse dossiê para a Revista Equatorial foi muito legal, queria agradecer a iniciativa de vocês. Eu, como coordenadora da Revista Equatorial, também estou em um aprendizado louco do que é fazer uma revista. É muito interessante, mas é sofrido. Eu apoiei muito a ideia da entrevista. Para mim, é um imenso prazer ter participado, embora não esteja falando como coordenadora da rede, mas como colaboradora.

**Mônica:** Eu queria dizer também que, para a gente da UFPB, que é uma instituição que não tem muitos recursos para trazer pesquisadores de fora, essa ida ao digital acabou tendo um lado positivo no sentido de potencializar diálogos que normalmente não tínhamos porque exigiam recursos. Para você convidar uma pessoa, você tinha que pagar a passagem e a hospedagem dela, e isso é caro. Então, por um lado, é muito ruim pensar que as universidades agora estão substituindo sistematicamente atividades presenciais por atividades on-line, e um bom exemplo disso são as bancas, em que você não consegue

mais trazer participantes externos de mais longe; não é como se o digital tivesse que eliminar o presencial. Mas, por outro lado, a pandemia também foi um momento de liminaridade, à lá Victor Turner, no qual as velhas hierarquias puderam ser momentaneamente implodidas. Rozeli lembrou muito bem a exigência da produção louca, a rapidez com que foram aprovados os projetos nos comitês de ética, a diminuição das exigências pelas revistas, enfim, um tipo de ciência que pode ser caracterizada como uma ciência rápida. Sônia trouxe a questão importante da urgência e foi bem interessante Rozeli lembrar como essa urgência se tornou quase uma obrigação: como você não está trabalhando? Como não está escrevendo? Todo mundo estava escrevendo, mas escrevendo o que? Então, a liminaridade trouxe muitas coisas, por um lado, teve essa produção intensa, por outro, essa possibilidade de diálogos que a gente não tinha, de construir projetos que incluíam UFPB, UFSC, UFAM, Unicentro e UnB. Por isso, em alguns aspectos, a pandemia gerou uma abertura de possibilidades para o trabalho científico em rede, sobretudo em universidades que não se beneficiam tanto da circulação de recursos, como é o caso da UFPB. É evidente que todos queremos o retorno dos eventos presenciais, que são fundamentais na discussão do conhecimento científico, de trabalhos que estão em andamento. Precisamos recuperar os aspectos afetivos e de celebração que os eventos sempre promoveram. Mas, por outro lado, teve essa possibilidade, como de um embaralhamento dentro das hierarquias muito estabelecidas, em que nós conseguimos convidar parceiros que não conseguíamos chamar no presencial. Foi uma proposta interessante para ter outros diálogos e essas redes surgiram a partir dessa janela de oportunidades. Não precisamos passar por uma pandemia para isso, mas, de que maneira a gente pode romper certas rotas estabelecidas? Eu acho que houve esse efeito indireto, liminar, que possibilitou o surgimento de uma *communitas* diferente. Muito feliz de ter dialogado com Rozeli e com Sônia, obrigada a Paula e a Fernanda pela iniciativa de fazer essa entrevista com a gente. Muito bom ter tido esse espaço para refletir sobre tudo que passamos e sobre tudo que fizemos.

## Referências

SILVA, Ana Paula Marcelino da. *Os riscos do cuidado: experiências do trabalho das profissionais de enfermagem na pandemia de Covid-19*. 2022. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

MALUF, Sônia Weidner; FRANCH, Mónica L. G.; SILVA, Luziana Marques da Fonseca; CARNEIRO, Rosamaria Giatti; SILVA, Érica. **Antropologias de uma**

**pandemia:** políticas locais, Estado, saberes e ciência na covid-19. Florianópolis: Edições do Bosque, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/254302>. Acesso em: 6 jun. 2024.

Recebida 31 de julho de 2023.

Aceita em 19 de dezembro de 2023.